Roma, 1969

Sem distinção de pessoas

«Se conhecesses o dom de Deus e quem é aquele que diz: Dá-me de beber!» (Jo 4,10).

Jesus não se demora em responder à Samaritana a respeito dos litígios que existem entre os judeus e os samaritanos. É uma linguagem que impressiona, que encanta, que eleva da terra ao céu.

Parece que o seu coração lhe saía do peito pelo desejo de dar aquilo que de melhor Ele traz para a terra: o dom de Deus. Duas são as coisas que deseja dar aos homens: a graça e o conhecimento Daquele que dá essa «água viva».

«Água viva»! (Jo 4,10).

É magnífico! Já imaginaram? Uma água viva. Viva!

É viva a vida em todo aquele que possui e conhece a vida. Assim é a graça de Deus: é a vida da alma.

Jesus é fantástico! Quão pouco o conhecemos, se não lemos com amor o Evangelho.

Muitas vezes formamos uma nossa imagem dele, segundo alguma decadente piedade tradicional. No Evangelho, porém, aparece como é: Ele é Deus. Revela-se continuamente Deus. Um Deus que fala, que se cansa, que caminha, que tem discípulos. Um Deus-Homem! Eis tudo!

E mais adiante aquela resposta!

«Sou eu, quem fala contigo» (Jo 4,26).

É de ficar emudecidos. Sim, Jesus não fazia distinção de pessoas. O homem, seja quem for, é profundamente digno do nosso respeito e da nossa confiança. À samaritana, que teve tantos maridos sem que nenhum fosse legítimo, Jesus se revela plenamente. E o diz tão divinamente bem com a simplicidade que só Deus sabe usar: «Sou eu quem fala contigo». Eu, em carne e osso. Não um fantasma. Não um longínquo. Eu, aqui.

Ó Jesus, gostaria de ver-te. Os teus olhos, o teu semblante, o teu porte, a tua nobreza. Mas basta esperar alguns anos e preparar rapidamente o passaporte direto para o céu, pagando antecipadamente o Purgatório na terra.

Paraíso, Paraíso! Concede-me, meu Deus, que esta seja sempre a minha aspiração mais espontânea. Quando isso acontecer, certamente já uma grande meta terá sido alcançada.

(Escritos Espirituais/2)